

ESTRUTURA COMPOSICIONAL E TRAÇOS LÉXICO-GRAMATICAIIS EM BLOGS

Yalis Duarte Rodrigues Lima¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um recorte da minha dissertação intitulada *Forma e função em gêneros digitais: Estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero blog*, defendida em fevereiro de 2017, que teve como objetivo apresentar aspectos relativos à macroestrutura e à microestrutura dos gêneros discursivo-textuais Crítica de Cinema e Relato de Viagem presentes em blogs especializados nas duas temáticas.

Na análise macroestrutural foram considerados componentes da Estrutura Potencial do Gênero (EPG) (cf. HALLIDAY; HASAN, 1985) e, na análise microestrutural foram analisados traços léxico-gramaticais correlacionados a aspectos do estilo dos textos. A partir da análise de dois gêneros presentes em blogs especializados em temáticas distintas, parte-se da hipótese de que, uma vez que os temas abordados são distintos, é provável que tal distinção tenha reflexos na estrutura composicional e nos estilos desses gêneros.

¹ Gostaria de agradecer imensamente à professora Vera Lúcia Paredes Silva por ter guiado minha trajetória acadêmica desde a graduação com tanto empenho e carinho.

Conforme Marcuschi (2008), as discussões sobre os gêneros discursivos-textuais têm como papel principal reforçar a compreensão dos gêneros através de uma ótica dinâmica, o que significa considerá-los como formas sociais de agir no mundo. Nesse sentido, o estudo dos gêneros na atualidade² busca compreender as diversas práticas comunicativas com as quais nos deparamos diariamente.

A escolha pelo termo “gênero discursivo-textual” tem como base o trabalho de Rojo (2005), que fez um levantamento de diversos trabalhos na área de gêneros, com o objetivo de verificar se o uso das duas designações (“textual” e “discursivo”) era indiferente ou se havia por trás da escolha alguma divergência teórico-metodológica. Essa discussão será detalhada na seção Pressupostos Teóricos.

Diante disso, este trabalho pretende trazer reflexões sobre algumas características formais e funcionais de textos mediados pelo ambiente digital, os chamados *hipertextos* (cf. Marcuschi, 2004; Koch, 2003).³ A motivação para esta proposta surgiu a partir do levantamento de dados para o trabalho de conclusão de curso apresentado no primeiro semestre de 2014. A análise dedicou-se à expressão variável de primeira pessoa do singular em relatos pessoais de viagens publicados em blogs especializados no tema e, a partir dessa investigação, surgiram diversos questionamentos com relação à organização composicional dos textos e suas particularidades linguísticas, instigando o aprofundamento do tema.

Em um primeiro nível de análise, o macroestrutural, são investigados padrões organizacionais na Estrutura Potencial do Gênero (cf. HALLIDAY; HASAN, 1985) e, no nível microestrutural, buscam-se traços léxico-gramaticais que refletem o estilo de cada gênero.

Discute-se, ainda, a possibilidade de considerar o blog como um macrogênero diante do fato de que sua organização composicional abrange diversos outros gêneros, além dos dois que fazem parte do corpus deste trabalho. Nesse sentido, o conceito de suporte e a influência da web são aspectos a serem considerados na discussão.

² Destaco o termo “atualidade”, pois, ainda de acordo com Marcuschi (2008) os estudos dos gêneros surgem na tradição ocidental a partir das manifestações literárias na Antiguidade greco-romana.

³ Os textos produzidos na web apresentam um caráter não linear, já que oferecem ao leitor virtual a possibilidade de navegar “entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema” (KOCH, 2003, p 63).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Conforme dito anteriormente, a escolha pelo termo “gêneros discursivo-textuais” tem como base o trabalho de Rojo (2005). A autora constatou que o termo **teoria dos gêneros discursivos** “centrava-se sobretudo no estudo das situações de produção dos enunciados ou textos e em seus aspectos sócio-históricos”. Já os trabalhos que adotavam o termo **teoria dos gêneros textuais** tinham como foco a “descrição da materialidade textual” (ROJO, 2005, p. 185). Podemos correlacionar essa diferença encontrada pela autora à distinção entre os conceitos de “texto” e “discurso”, de acordo com Marcuschi (2008). Segundo o autor,

A tendência é ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização, ao passo que o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação sociointerativa e discursiva envolvendo outros aspectos [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 58).

Apesar de cada conceito estar relacionado a um plano (ou nível), o autor ressalta que texto e discurso “são muito mais duas maneiras complementares de focar a produção linguística em funcionamento” (MARCUSCHI, 2008, p. 58). Portanto, todo texto é produzido, necessariamente, em uma instância discursiva, sendo produto e processo ao mesmo tempo, no sentido de que é um evento interativo e tem traços linguísticos que podem ser examinados.

Os gêneros são constituídos por três elementos básicos que estão associados entre si: o tema, que diz respeito à natureza do conteúdo abordado; a construção composicional, relacionada aos aspectos formais; e o estilo, que abrange os usos linguísticos (cf. Bakhtin, 2003). Embora sejam considerados elementos básicos, não são os únicos aspectos que desempenham um papel essencial na constituição dos gêneros, já que a audiência e os propósitos comunicativos devem ser considerados.

O BLOG E SUAS CARACTERÍSTICAS

As mídias digitais têm sido alvo de estudo de diversos autores da área de gêneros (cf. MARCUSCHI, 2008; MARCUSCHI; XAVIER, 2004; MILLER, 2012). De acordo com Swales (1990), as comunidades discursivas são organizadas de acordo com alguns critérios. A existência de **um conjunto de objetivos públicos comuns** é o primeiro deles. No caso dos blogs, os objetivos compartilhados por blogueiros e público não são únicos: além do desejo de compartilhar informações, há também o propósito de interagir com outras pessoas e, conseqüentemente, criar um espaço de entretenimento e discussão sobre determinados

assuntos. Para que esses objetivos sejam cumpridos, é necessário que haja um **mecanismo de comunicação entre os membros**, o que nos leva à segunda característica que faz de um grupo uma comunidade discursiva. Na comunidade blogueira esses mecanismos consistem no uso de imagens, *emoticons*,⁴ links,⁵ textos e/ou vídeos. É através do uso desses mecanismos que há uma **troca de informações de maneira efetiva**, atendendo, assim, ao terceiro critério proposto pelo autor. A quarta característica está relacionada à **capacidade de desenvolvimento de seus próprios gêneros**. Segundo Miller (2012), os blogs surgiram como uma forma de autoexpressão e costumavam ter uma natureza confessional, característica dos diários pessoais. Ao longo do tempo, no entanto, os blogs sofreram algumas mudanças e “logo depois que todo mundo pensou que sabia que um blog era um diário *online*, começamos a ouvir falar de j(ornalismo)-blogs, blogs esportivos, fotoblogs, blogs educativos, blogs de viagem, blog de campanhas políticas, entre outros” (MILLER, 2012, p. 87). Portanto, atualmente, os autores de blogs compartilham com o público informações sobre determinado tema de interesse geral. Além disso, o autor estabelece que há **a incorporação de novos membros**. A adesão de novos membros à comunidade blogueira ocorre frequentemente, já que basta o acesso à rede para que um indivíduo faça parte daquele grupo. Portanto, reconhecer os blogueiros como uma das comunidades discursivas pertencentes ao âmbito digital significa entender que o ato de “*blogar*” é uma ação contextualizada socialmente e reconhecida

BLOG: SUPORTE OU MACROGÊNERO?

Ainda que haja poucas investigações a respeito do suporte dos gêneros discursivo-textuais, Marcuschi (2008, p. 174) define o conceito como “um *locus* físico ou **virtual** com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (grifo meu). Mais do que servir de base para a manifestação de um gênero, “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele” (MARCUSCHI, 2008, p. 174).

Ao observar a diversidade de gêneros presente nos blogs analisados, optei por considerá-los como macrogêneros e não como suporte, na intenção de não

⁴ Junção das palavras inglesas “emotion” e “icon”. Significa uma imagem que representa a emoção ou expressão facial de quem faz uso desse recurso.

⁵ Link (ou hiperlink) é um recurso próprio de uma página da web e tem como função direcionar o usuário a uma outra página diferente daquela em que ele se encontra. Esse recurso oferece, segundo Maingueneau (2013, p. 94), “uma enorme rede de relações virtuais que permite um número ilimitado de percursos distintos.

excluir o papel da web e sua influência nos gêneros digitais. O macrogênero blog apresenta determinadas características que só são possíveis por estar inserido no suporte web. Dentre essas características, destaco a mistura de semioses (textos, imagens, vídeos, *emoticons*) e o uso do hiperlink, por exemplo. Estou de acordo com Marcuschi (2008, p. 186), portanto, ao considerar “a internet como um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos”. Dessa forma, o suporte web serve como lócus virtual para a fixação de gêneros, como o e-mail, por exemplo, e de macrogêneros, como os blogs.

A distinção entre os conceitos de suporte e macrogênero no ambiente digital parece não ser, até o momento, uma questão amplamente abordada. Oliveira (2014), por exemplo, defende que os blogs de opinião esportiva são “gêneros autônomos”, não mencionando a possibilidade de serem considerados como macrogêneros. Em trabalho anterior (cf. Lima, 2014), considerei blogs de viagem apenas como um gênero, adotando um ponto de vista que hoje considero reducionista com relação às possibilidades que os blogs oferecem aos usuários. As discussões aqui realizadas são, portanto, uma reformulação das considerações presentes em Lima (2014) e uma tentativa de aprofundar questões que considero importantes para a análise de gêneros digitais. Conforme afirma Miller (2012, p. 109), “o blog é uma tecnologia, um meio, uma **constelação de recursos – e não um gênero**” (grifos meus). Nesse sentido, discuto a seguir a possibilidade de considerar o blog como um macrogênero presente no suporte web (cf. MARCUSCHI, 2008).

Diante disso, o blog será aqui definido como um *site* dedicado a um tema específico que reúne diversos gêneros relacionados à temática proposta. Além disso, é coordenado, geralmente, por um grupo de pessoas que atualiza as publicações regularmente. Oferece também a possibilidade de interação entre o público que acessa o site e os blogueiros (pessoas que assinam as publicações), através do recurso dos comentários e do link com outras redes sociais.

METODOLOGIA

O corpus é formado por 20 blogs, sendo 10 de cada temática. De cada blog foi selecionado um texto para análise, não havendo um critério específico de seleção. Os blogs escolhidos para análise são independentes e conquistaram reconhecimento em cadeia nacional ao longo do tempo em que estão no ar. Alguns receberam prêmios ou tiveram matérias publicadas em outros meios de comunicação, como jornais ou outros portais de notícias da internet.

Assim como não há uma exigência de publicação constante de críticas de filmes, os relatos pessoais de viagem também não possuem uma obrigatoriedade no que diz respeito à frequência de publicação, principalmente porque os blogs se dedicam a outros conteúdos como entrevistas e notícias sobre o universo cinematográfico e turístico.

De maneira geral, o objetivo dos blogs das duas temáticas é criar um espaço de diálogo sobre diversos conteúdos relacionados aos temas propostos. Esse objetivo fica claro quando buscamos na seção “quem somos” (disponível em todos os blogs analisados) informações sobre a história de criação do blog e sua política de funcionamento, conforme ilustram as figuras a seguir:

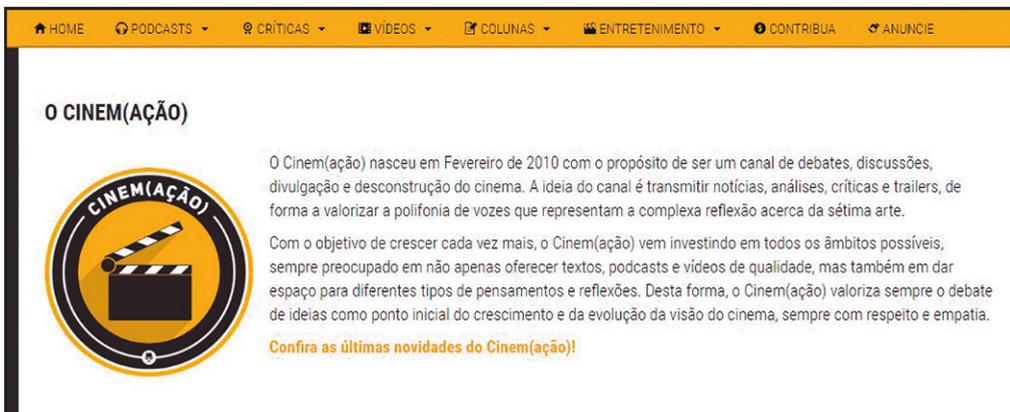


Figura 1 – Política de funcionamento do blog *Cinem(ação)*.

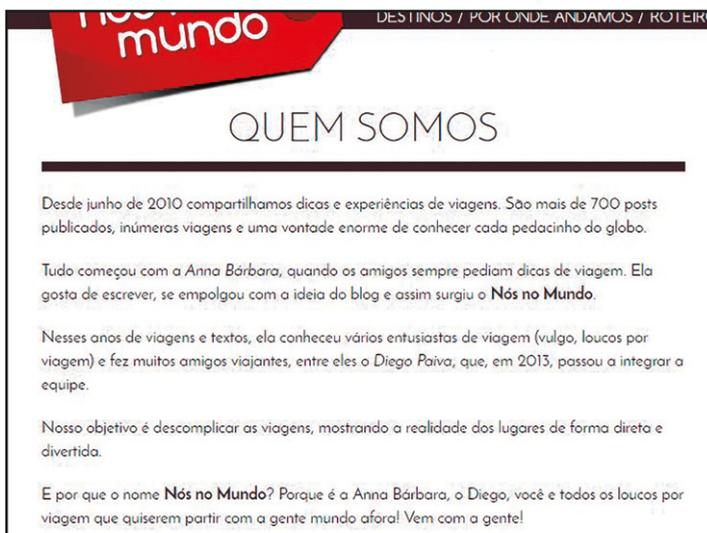


Figura 2 – Política de funcionamento do blog *Nós no mundo*.

Nesta mesma seção é interessante observar não só o surgimento recente dos blogs aqui analisados (ambos mencionam o ano de 2010), mas também o fato de que os textos não são, necessariamente, escritos por especialistas da área.⁶

História do Blog

Tiago Caramuru Desde que descobri que viajar é possível, viciiei. Muita disciplina financeira e bastante curiosidade. Um pouco de sorte. Nada como uma viagem após a outra. Trabalho pra viver, vivo pra viajar. Não sou autor, poeta, antropólogo, cronista, jornalista ou cientista político. Mas como achei que tinha algo a dizer, comecei a escrever. Viciiei também.

Figura 3 – Política de funcionamento do blog *Esvaziando a Mochila*.

Sobre

No ar desde 2008, o **Cinema de Buteco** é um portal formado por amigos que têm em comum o amor pelo cinema, e, que cansados de tanto discutirem sobre cinema nos *butecos* de **Belo Horizonte**, resolveram criar uma página na internet para registrar suas opiniões e reflexões. A intenção aqui é comentar qualquer tipo de filme (até os do Michael Bay), privilegiando uma escrita descontraída e que possa atingir o público não cinéfilo.

São críticas de vários colaboradores, cada uma com uma formação diferente, mas que tem em comum a paixão pelo cinema e pelas discussões filosóficas durante uma visita ao bar mais próximo. Apesar do site ter nascido na capital dos *butecos*, a equipe extrapolou as montanhas mineiras e possui cinéfilos/*butequeiros* em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e até de Berlim!

Mesmo levando o nome **Cinema de Buteco**, nosso portal ultrapassou as barreiras da sétima arte e agora conta com categorias exclusivas para literatura, séries de TV, eventos e até teatro! Com 8 anos no ar, seria impossível não acontecer tal evolução, não é mesmo? Tudo com informação de qualidade sendo transmitida da maneira mais simples possível. O Cinema de Buteco também trabalha com colunas, *videocasts*, *podcasts*, *playlists* e listas.

Cinema por quem entende mais de mesa de bar.

Figura 4 – Política de funcionamento do blog *Cinema de Buteco*.

⁶ Embora não sejam especialistas da área, os autores dos blogs analisados conquistaram um público fiel que reconhece essas pessoas como autoridades no assunto, já que disponibilizam conteúdos úteis a quem procura. Nesse sentido, grandes empresas buscam parcerias com esses blogs, tendo em vista a grande visibilidade que eles possuem. No caso de blogs de filmes, por exemplo, observamos propagandas de canais de assinatura e, no caso dos blogs de viagens são anunciados serviços de reserva de hotéis online, passagens aéreas e seguro viagem. Portanto, os blogs se tornam, muitas vezes, a fonte de renda das pessoas que geram conteúdo online.

Ainda que, de maneira geral, os colaboradores sejam de profissões variadas, as pessoas que assinam os textos analisados são, na sua maioria, jornalistas e publicitários.⁷ No caso dos Relatos de Viagem há uma predominância de textos assinados por mulheres, já com relação às Críticas de Cinema, a predominância é de autoria masculina.

Outra diferença observada é que, enquanto os blogs de viagem possuem no máximo três colaboradores, os blogs de filmes contam com diversos autores.

O principal objetivo dos blogs de filme é oferecer uma cobertura completa dos conteúdos (lançamentos, festivais, notícias e entrevistas) relacionados ao mercado cinematográfico. Além disso, há a publicação de críticas dos principais lançamentos nacionais e internacionais, todas disponíveis na seção “críticas” dos blogs.



Figura 5 – Exemplo de gêneros presentes no macrogênero blog *Cinemascope*.

Já os blogs de viagem têm como objetivo compartilhar notícias, listas, roteiros e relatos pessoais que auxiliem os leitores no planejamento da própria viagem. Essas informações são encontradas em seções dedicadas a cada país. É importante ressaltar que, diferentemente das Críticas de Cinema, os Relatos não são assim denominados pelos organizadores dos blogs. Ao fazer a busca pelo país desejado, o leitor encontra os diversos textos que tratam daquele lugar, cabendo a ele escolher ler um Relato ou uma notícia, por exemplo.

Com relação à construção composicional observamos a capacidade que os blogs têm de comportar diversos gêneros. Destaco essa característica pois, ao

⁷ Os blogs apresentam, em sua maioria, o perfil de cada colaborador, o que possibilitou checar a profissão dos autores dos textos.

abrigar uma variedade de outros gêneros podemos reiterar os blogs analisados como macrogêneros.

As quatro figuras a seguir apresentam as páginas iniciais de dois blogs de cada temática – filme e viagem – em que podemos ver a organização de alguns desses gêneros em seções como, por exemplo, notícias, entrevistas e colunas. Além dos gêneros representados nas figuras, há a presença de outros, tais como: lojas online, podcasts,⁸ fóruns, listas (*top 5* filmes, por exemplo), orientações práticas para organizar uma viagem etc.



Figura 6 – Exemplo de gêneros presentes no macrogênero blog *Cineplayers*.



Figura 7 – Exemplo de gêneros presentes no macrogênero blog *Preciso Viajar*.

⁸ Os *podcasts* são uma espécie de programa de rádio, porém disponibilizados na internet. Podem ser de diferentes temas (como cinema, literatura, política, esportes, apenas para citar alguns) e ouvidos no momento que o usuário desejar. Nos *podcasts* são feitos comentários, discussões, e debates, à semelhança do que ocorre em programas radiofônicos, gênero que está incluído, de acordo com Marcuschi (2008, p. 195) no domínio jornalístico.

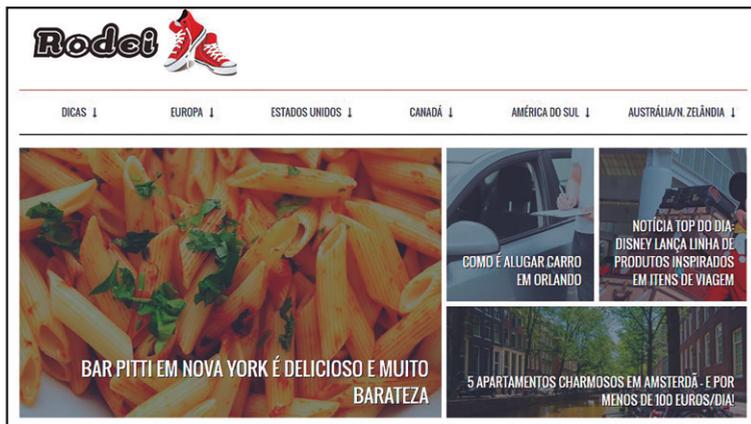


Figura 8 – Exemplo de gêneros presentes no macrogênero blog *Rodei*.

Essa diversidade de gêneros característica dos blogs analisados não implica, porém, uma flutuação temática. Nas figuras de 1 a 4, por exemplo, vemos que as notícias, entrevistas ou listas apresentam um direcionamento ao tema principal dos blogs. Essa centração temática pode ser evidenciada através dos títulos (que são fixos) dos blogs, conforme a lista 1:

Blogs de viagem	Blogs de filme
Aprendiz de viajante	Cinemascope
Nós no mundo	Cinemação
Ensaios de viagem	Cineplayers
Gaby pelo mundo	Cinepop
Esvaziando a mochila	Cinema de buteco
Preciso viajar	Cinequanon
Saia pelo mundo	Cinema com rapadura
Rodei	Cinemaqui
Vou contigo	Cineclick
Jeguindo	Ccine

Lista 1 – Centração temática nos títulos dos blogs de viagem e dos blogs de filme.

ANÁLISE DOS DADOS

A Estrutura Potencial do Gênero Crítica de Cinema

Tomando como base o trabalho de Taboada (2011), foi observada nas Críticas de Cinema a presença de sete estágios, exemplificados a seguir:

A. Tema/assunto: Trata-se da informação geral sobre o conteúdo do filme; categoriza o filme dentro de um tipo específico: comédia, drama, romance etc. Nos exemplos destacados, a contextualização do filme, seja através do ponto de vista histórico ou relativo a algum sentimento universal, tem como função atrair o interesse do leitor para o filme.

- 1) BFCCP - O filme 500 Dias com Ela ((500) Days of Summer) conta a história do começo e do fim de um relacionamento amoroso. Qualquer pessoa que já tenha presenciado esse tipo de acontecimento conseguirá perceber como as situações reais são retratadas na tela.
- 2) BFCCK - As grandes tragédias da humanidade causam consequências imediatas e reverberações tardias. Sobre Segunda Guerra Mundial, o drama A Dama Dourada mostra esses dois tipos de males na mesma história e o resultado é um banho de emoção.

B. Descrição do roteiro: Pode ser longa ou breve. Nessa etapa, o autor da crítica esboça os eventos do filme, comparando-o algumas vezes com outros filmes.

- 3) BFCC - No longa, conhecemos Ann (Sarah Polley) uma mãe de duas garotinhas, com apenas 23 anos e casada com Don (Scott Speedman). Ann é uma batalhadora que trabalha a noite para ajudar na casa ou melhor no trailer, estacionado no quintal de sua mãe e Don se vira construindo piscinas. Apesar da vida dura e das condições ruins em que vivem, aparentemente são felizes, mas Ann, tem um desmaio, e vai parar no médico, lá descobre que tem uma doença rara, e assim vai levá-la a morte em no máximo 3 meses. É neste momento que o filme ao invés de apelar para a manipulação sentimental do espectador, foca em Ann e nos desejos que ela quer realizar antes de morrer.
- 4) BFCS - Certo dia, o escritor Tomas (James Franco) briga com sua mulher e sai dirigindo sem rumo, até que acidentalmente atropela uma criança e nunca mais consegue viver com tranquilidade.
- 5) BFCCP - Com essa estrutura diferenciada, criam-se espaços para liberdades criativas. Um exemplo são as digressões que o narrador faz para mostrar o passado e outras características dos personagens, como acontece em O Fabuloso Destino de Amélie Poulain (2001).

C. Descrição dos personagens: Pode ser física ou psicológica. Conforme aponta Taboada (2011), esse estágio pode aparecer junto a uma avaliação específica dos atores.

- 6) BFCM - Em nenhum momento as relações entre os personagens e suas respectivas histórias são mastigadas. Percebemos que Carlos (Lourenço Mutarelli) é um frustrado que sempre foi rico, Val leva a vida difícil e segue na inércia em sua dura rotina, e Jéssica sabe muito bem o que faz quando diz que gostaria de ficar no quarto de hóspedes, em vez do quarto da mãe dela. Até mesmo Bárbara (Karine Teles) é uma personagem muito interessante, mesmo parecendo unidimensional a princípio: é uma mulher que busca a independência profissional, mas aparentemente não ganha dinheiro suficiente para manter seu padrão, sendo dependente do marido, e ainda sofre com o afastamento do filho. Mesmo que Bárbara pareça “má” em alguns momentos, trata-se de um comportamento herdado da sociedade em que ela foi criada, e não algo totalmente consciente.

No exemplo (7) há uma descrição do personagem (sublinhada) seguida da avaliação dos atores. Nesse caso, em um mesmo parágrafo podem coexistir diferentes estágios.

- 7) Como de praxe nos filmes de Allen, o protagonista é extremamente irônico (o que combina perfeitamente com as feições arrogantes de Colin Firth) e sofre com o complexo virginiano de se achar a pessoa mais inteligente e imune aos erros mentais dos humanos normais. Verdade seja dita, esse tipo de personagem já ficou bem chato. Tanto que um dos principais problemas de *Magia ao Luar* é exatamente no personagem de Firth, que apesar de desempenhar a função muito bem, parece não conseguir oferecer mais do que uma sombra do próprio Allen. Emma Stone é encantadora, como sempre.

D. Background: De acordo com Taboada (2011, p. 255) esse estágio tem como “propósito prover informação que o autor julgue necessária para entender o filme ou a crítica”. Em (8), por exemplo, vemos que o autor inicia sua crítica com informações externas ao filme, mas relacionadas a ele. Nesse caso, a menção a outros filmes tem como objetivo a comparação com outros trabalhos do diretor, auxiliando, assim, na compreensão da crítica do filme em questão. Já em (9), há informações sobre indicações e premiações recebidas pela protagonista do filme.

Percebe-se que, ao indicar informações que valorizam o diretor ou os atores, esse estágio apresenta, de certa forma, um caráter avaliativo.

- 8) BFCR - Em seus últimos trabalhos, David O. Russell tem se saído melhor quando não procura rebuscar demais a sua proposta. “*O Vencedor*” (2010) e “*O Lado Bom da Vida*” (2012), de temáticas e narrativas mais simples, são ótimos filmes, enquanto “*A Trapaça*” (2013), em sua trama bagunçada, não passa de um embuste mal desenvolvido. No caso deste “Joy: O Nome do Sucesso”, o diretor revisita aquilo que o consagrou como um dos nomes queridos pela indústria, entregando uma obra simples, bem dirigida e com ótimas atuações.
- 9) BFCQ - Presente em praticamente todas as listas e premiações em sua categoria, a atriz levou o importantíssimo Ouro de Prata na Berlinale de 2015.

E. Avaliação geral: Apresenta características sobre o filme como um todo. Geralmente são comentários vagos sobre a obra em si, representando uma primeira impressão do crítico sobre o filme.

- 10) BFCR - No caso deste “Joy: O Nome do Sucesso”, o diretor revisita aquilo que o consagrou como um dos nomes queridos pela indústria, entregando uma obra simples, bem dirigida e com ótimas atuações. Ainda que não seja sua melhor realização, é um longa honesto, que não precisa se apoiar em firulas ou muletas narrativas vazias para se sustentar.

F. Avaliação específica: consiste na avaliação direcionada aos atores, diretores, roteiristas ou à trilha sonora, como ilustra o exemplo a seguir:

- 11) BFCB - Se há alguma coisa perfeita em *Magia ao Luar*, não existe a menor dúvida que seja a sua trilha sonora absolutamente incrível e muito bem colocada. O clima nostálgico da obra chega a dar sono em muitos momentos, literalmente, mas quando ouvimos “*You Do Something to Me*”, de Cole Porter, é uma injeção de ânimo que nos faz recordar da época de ouro do cinema – o que provavelmente deveria significar mais sono para algumas pessoas, mas ironicamente funcionou ao contrário para mim. Como sempre, as opções pelo jazz garantem uma trilha sonora de qualidade e já são características do cinema de Allen.

G. Parecer final: Caracteriza-se por evidenciar uma posição final sobre o filme, oferecendo ao leitor um balanço mais preciso com relação às características

positivas e negativas do filme. Nesse sentido, diferencia-se da avaliação geral que apresenta opiniões iniciais e menos detalhadas sobre o filme. Embora não haja uma recomendação ou não recomendação direta sobre assistir ao filme, nesse estágio final o leitor sabe se o filme apresenta mais qualidades que defeitos.

- 12) BFCS - O filme vale à pena ser assistido, mas outros trabalhos de Wenders trazem muito mais inovação e singularidades interessantes.
- 13) BFCM - Além de ser uma excelente obra cinematográfica, “Que Horas Ela Volta?” reflete o grande momento de mudança do nosso país, ajudando todos nós a pensar sobre o assunto. E isso apenas engrandece o filme.
- 14) BFCB - Considerando todo o talento de Woody Allen em fazer filmes tocantes e sensíveis, Magia ao Luar pode acabar decepcionando. Ele possui as características das obras do diretor, mas parece que é desprovido de elementos que tornam possível criar empatia pelos protagonistas e seu romance. No entanto, para aqueles que ainda não conhecem o suficiente da carreira do cineasta (e então recomendo que leiam esse artigo), pode ser um delicioso romance descompromissado e com várias sacadas inteligentes nos diálogos e com um final feliz para acalmar o coração. Cabe a cada espectador encontrar o melhor caminho para a apreciação do filme.

A partir da identificação dos estágios presentes em cada parágrafo dos textos, foi verificada a obrigatoriedade ou não desses elementos, conforme a Tabela 1:

	Tema	Descrição do roteiro	Descrição do personagem	Background	Avaliação Geral	Avaliação específica	Parecer final
Magia ao luar	X	X	X	X	X	X	X
Minha vida sem mim	X	X			X	X	X
500 dias com ela	X	X	X			X	X
Meia-noite em Paris	X	X	X	X	X		X
A dama dourada	X	X			X		X
De onde eu te vejo	X	X	X		X	X	X
Que horas ela volta?	X	X	X	X	X	X	X
Joy	X	X		X	X	X	X
Tudo vai ficar bem	X	X	X	X	X	X	X
45 anos	X	X		X	X	X	X

Tabela 1 – Elementos obrigatórios e opcionais na Estrutura Potencial do Gênero Crítica de Cinema

Os três elementos obrigatórios na estrutura potencial dos textos analisados são: tema, descrição do roteiro e parecer final. São estágios que seguem uma tendência previsível no que diz respeito às suas posições no texto.

A Estrutura Potencial do Gênero Relato de Viagem

Conforme mencionado anteriormente, os textos analisados não apresentam uma quantidade de palavras fixas, ficando a critério do autor qual extensão o texto deverá ter. Nos Relatos de Viagem, houve uma grande variedade no número de parágrafos com o mínimo de 5 e o máximo de 23.

A análise dos textos evidenciou a alternância entre passagens de experiência pessoal e trechos informativos (sublinhados) sobre o local em questão.

- 15) BVVC - Kuala Lumpur nunca fez parte da minha lista de lugares para conhecer antes de começar a nossa viagem de quatro meses pela Ásia, mas confesso que a nossa ida rápida à cidade me deixou encantado com tudo o que vi por lá. A cidade é impressionante, está no ranking dos destinos mais visitados do mundo e também entrou no ranking de melhores lugares para compras. Prédios gigantescos se entrelaçam no horizonte, grandes marcas estampam as vitrines dos vários shoppings, carros importados passam frequentemente pelas ruas, os restaurantes, cafés e bares possuem estilo, bom gosto e um requinte diferente das outras cidades asiáticas. Tivemos pouco tempo na cidade – apenas 48 horas – já que decidimos fazer um stop na cidade só para ver as Petronas Twin Towers, mas depois percebemos a burrada que tínhamos feito em colocar apenas dois dias para conhecer a capital da Malásia. Três dias inteiros – fora o dia de chegada e saída – são suficientes para aproveitar as facilidades e a estrutura que a cidade oferece aos seus visitantes.
- 16) BVJG - Chegamos na Lagoa Misteriosa no meio da tarde. Como disse anteriormente, eu esperava duas coisas: não enxergar nada e bater os queixos de frio! Sim, as águas de rios, lagoas e cachoeiras costumam ser bastante frias, mas, para minha surpresa, a água da lagoa é de temperatura bem agradável, morninha, uma alegria! Erik e eu começamos então a descer as escadarias de acesso às águas e aí sim, meus caros jeguiantes, que tive a mais emocionante sensação até então: a de estar diante de um azul nunca visto (pelo menos em minha existência pré-balzaquiana) e de um profundo e silencioso abismo. Dentre as múltiplas sensações que te atravessam na hora, umas delas é... Caramba, como sou pequena diante desta imensidão,

que, do lado de fora, é impossível de adivinhar. Um dos motivos da lagoa ter recebido o nome de Misteriosa é o fato de que, apesar de já terem sido feitas algumas expedições para determinar a profundidade do local (e de já ter sido aferida a profundidade de 220 m), não se sabe até onde vai o abismo, o que torna a lagoa ainda mais instigante aos nossos olhos.

Os exemplos mostram que a EPG Relato de Viagem é mais flexível que a EPG Crítica de Cinema, já que não apresenta um padrão na disposição de elementos. A tendência de alternância entre trechos informativos e de experiência pessoal é recorrente nos textos analisados e ajuda a atribuir um caráter de depoimento pessoal do emissor. Além disso, é comum que no final dos textos o autor do relato reforce a experiência de forma positiva, conforme mostram os exemplos:

- 17) BVEV - Há muito mais para se ver e fazer em Lucerna. Nós ficamos apenas três dias, sendo que um deles fomos conhecer o monte Pilatus. Então, passeamos de certa forma bastante rápido por aqui. Mas, mesmo nessa visita rápida, a cidade me marcou de uma forma muito positiva, deixando aquela sensação de quero mais.
- 18) BVAV - Agora é ir dormir, que a diferença de fuso ainda está me deixando toda bagunçada e porque amanhã tem muito mais. Para acompanhar a minha viagem em tempo real, veja no Facebook, twitter_e instagram. Preciso dizer que estou amando?

Vale ressaltar que, em uma equivalência com a classificação laboviana do fecho da narrativa, os exemplos acima são ilustrativos do que o autor denomina *coda* (cf. Labov, 1972).

Os traços léxico-gramaticais nos dois gêneros

A análise dos traços léxico-gramaticais tem como objetivo a busca por aspectos estilísticos nos textos. A seguir, são apresentados os resultados relativos às pessoas gramaticais, à classificação semântica dos predicados, ao uso de adjetivos e considerações sobre outras escolhas lexicais.

As pessoas gramaticais

A presença dos pronomes de primeira e segunda pessoa pode revelar, segundo Biber (1988), um caráter de maior envolvimento do texto, enquanto que a concentração de sujeitos de terceira pessoa revela um discurso mais distante do “eu”.

Nessa análise, foi realizado o levantamento de cada pessoa gramatical nos dois gêneros e, posteriormente, foi feito o amálgama das primeiras pessoas (do singular e plural) e terceiras pessoas (singular e plural). Ao apresentar os traços linguísticos da dimensão de envolvimento, Biber (1988) não distingue a primeira pessoa do singular e do plural, já que ambas estão relacionadas com um discurso pessoal e, portanto, de envolvimento. Foram computadas 600 ocorrências pronominais em orações finitas e na posição de sujeito.

Quanto ao gênero Crítica de Cinema, dois aspectos relativos à ocorrência pronominal merecem destaque. Em um total de 212 ocorrências, há uma maior concentração de sujeitos de 3ª pessoa (89%) e uma baixa incidência de sujeitos de 1ª e 2ª pessoa (8% e 2%, respectivamente).

Pessoas Gramaticais	Número de ocorrências	%
1ª pessoa do singular + 1ª pessoa do plural	17/194	8%
2ª pessoa do singular	5/52	2%
3ª pessoa do singular + 3ª pessoa do plural	190/354	89%

Tabela 2 – Distribuição das pessoas gramaticais no gênero Crítica de Cinema

Já com relação ao gênero Relato de Viagem, verifica-se a presença de um maior número de sujeitos de 1ª pessoa (45%), conforme ilustra a Tabela 3:

Pessoas Gramaticais	Número de ocorrências	%
1ª pessoa do singular + 1ª pessoa do plural	177/194	45%
2ª pessoa do singular	47/52	12%
3ª pessoa do singular + 3ª pessoa do plural	164/354	42%

Tabela 3 – Distribuição das pessoas gramaticais no gênero Relato de Viagem

Os resultados gerais relativos à ocorrência pronominal nos dois gêneros mostram uma maior concentração de sujeitos de 3ª pessoa nas Críticas de Cinema (89%) e, comparativamente, maior incidência de sujeitos de 1ª pessoa nos Relatos de Viagem (45%). Também comparativamente, os sujeitos de 2ª pessoa são mais presentes nos Relatos e quase inexistentes nas Críticas analisadas.

	Crítica de Cinema	Relato de Viagem
1ª pessoa do singular + 1ª pessoa do plural	8%	45%
2ª pessoa do singular	2%	12%
3ª pessoa do singular + 3ª pessoa do plural	89%	42%
Total	212	388

Tabela 4 – % comparativo das ocorrências pronominais nos gêneros Crítica de Cinema e Relato de Viagem

Os resultados apontados na Tabela 4 sugerem que os Relatos de Viagem apresentam um caráter altamente subjetivo e um discurso próximo ao leitor, com predomínio de sujeitos de primeira pessoa, enquanto as Críticas evitam os usos de primeira e segunda pessoas, a fim de manter certa impessoalidade e distanciamento. A esse respeito, destaco em negrito o trecho a seguir retirado de um blog dedicado à temática filme,⁹ em que o autor expõe essa tendência de afastamento conforme ilustram os dados numéricos.

- 19) Acontece de algumas vezes o crítico “torcer” por um filme ao longo da projeção, da seguinte forma: enquanto os acontecimentos vão se desenrolando, a cada escolha acertada do realizador, seja na economia de diálogos ou na decupagem que eliminam o que poderia soar redundante ou desnecessário para o desenvolvimento da narrativa, seja no que o posicionamento da câmera ou a duração dos planos transmitem, seja na construção dos personagens, torcemos para que não haja algum elemento dissonante que comprometa o que está indo tão bem.

Essa torcida não tem obrigatoriamente relação com uma simpatia do crítico pelo diretor ou sua filmografia. De uma maneira geral, gosto da obra de Anna Muylaert. “É Proibido Fumar”, “Durval Discos” e “Que Horas Ela Volta?” são bons filmes, longe de serem obras-primas, que nos apresentam um olhar bastante interessante sobre determinado microcosmo social. Vale lembrar que ela também fez “Chamada a Cobrar”, longa produzido para a TV, que é um equívoco completo do início ao fim. Por isso, fui ver “Mãe Só Há Uma” sem grandes expectativas, mas o filme me pegou de tal jeito que durante a sessão me vi torcendo para que o que estava indo tão bem continuasse assim até o final. E não me decepcionei, muito pelo contrário.

“Mãe Só Há Uma” é não só o melhor filme de Anna Muylaert, como um dos melhores filmes brasileiros que vi nos últimos anos. **E se escrevo esta crítica na primeira pessoa, algo que normalmente o crítico deve evitar, é porque saí do cinema tão impactado que não consigo ter sobre ele um olhar totalmente distanciado e menos pessoal, outro aspecto recomendável em nosso ofício.**

Deixando o aspecto emocional de lado, há uma série de fatores que explicam porque ele é tão bom. (...).

⁹ O texto foi retirado do blog *Críticos*, publicado em 28/07/2016 e disponível em <http://criticos.com.br/?p=8910>. O blog mencionado não faz parte do corpus deste trabalho, porém, destaco aqui por ser representativo de uma tendência geral observada nos textos analisados.

Destaco ainda que, nas Críticas de Cinema, a alta incidência de sujeitos de terceira pessoa (89%) justifica-se pela inserção de personagens e/ou menções aos atores e diretores do filme em questão:

- 20) BFCQ - **Charlotte Rampling** utiliza de todo o seu talento para construir uma personagem que passa por um intenso conflito, que **ela** retrata de forma discreta e sincera — presente em praticamente todas as listas e premiações em sua categoria, **a atriz** levou o importantíssimo Ouro de Prata na Berlinale de 2015.

Já nos Relatos de Viagem o número significativo de sujeitos de terceira pessoa (42%) é referente a sujeitos inanimados, em sua maioria:

- 21) BVNM - **Cartagena das Índias**, ou simplesmente Cartagena, é outra cidade adorável. Declarada patrimônio histórico e cultural da humanidade, **a cidade** é rodeada por muralhas, que **serviam** de proteção contra os ataques piratas na época em que **era** o principal porto espanhol na América.

Os adjetivos

Biber e Finegan (1989, p. 93) incluem como um dos marcadores de afetividade (“*affect markers*”) os adjetivos, além dos verbos e advérbios. Através da análise, foi possível observar que, nos Relatos de Viagem, os adjetivos tendem a ser mais valorativos e de carga semântica mais intensa, dando maior relevo ao que está sendo dito, conforme mostram os destaques nos exemplos a seguir:

- 22) BVAV - Saímos de lá e fomos para Ukutula, que é um parque de preservação de Leões. Foi uma experiência **fantástica** e eu pude ver de muito pertinho essas criaturas tão lindas e temidas. Fizemos uma caminhada com os leões a dois três passos da gente... meio amedrontador, mas muito interessante.
- 23) BVNM - O Museo del Oro é **fantástico**. O Museo Botero é **imperdível**.
- 24) BVVC - Mesmo que você queira fazer tudo sozinho, vale a pena conhecer a loja da City Gallery, há uma exposição com a história da cidade, uma apresentação interativa **incrível** e uma loja de souvenir, impossível não comprar nada por lá. Ah, lá é onde fica o I s2 KL... Vale a pena!

Já as Críticas de Cinema costumam apresentar construções avaliativas mais modalizadas e termos mais atenuadores como em (25):

- 25) BFCS - Kate (Charlotte Gainsbourg) traz uma personagem um **tanto quanto singular**. Joe, interpretada por ela em *Ninfomaníaca* se mostra muito mais “demoníaca” e sofredora do que Kate, e a personagem de Charlotte neste filme se mostra como uma versão mais superficial da ninfomaníaca, com aquele olhar de loucura e raiva.

Em contrapartida, encontra-se nos Relatos de Viagem o prefixo *super* utilizado como intensificador em construções menos formais, revelando um caráter mais expressivo e enfático da adjetivação (cf. exemplo em (26)). Essa diferença destacada revela, em parte, uma tendência das Críticas de Cinema a apresentarem um estilo de posicionamento menos enfático ou, como Biber e Finegan (1989, p. 93) denominam, um posicionamento “*faceless*”.¹⁰

- 26) BVRD - Sugiro o Bounty Hunter, um lugar com uma atmosfera **super legal** onde você encontra quase todos os rótulos produzidos na região. Bom para comprar presentes e sentar com os amigos no fim de tarde – são mais de 40 tipos de vinhos locais vendidos pela taça.

Outras escolhas lexicais

Nesta seção são discutidos alguns outros aspectos linguísticos inerentes aos gêneros analisados. É preciso destacar que não houve a pretensão de realizar uma análise quantitativa exaustiva dos dados aqui apresentados, como fazem Biber (1988) e Biber e Finegan (1989) em suas análises. São considerações importantes que merecem destaque por revelarem traços estilísticos distintos dos textos analisados. Nesse sentido, embora sejam informais, os dois gêneros apresentam um diferente grau de informalidade.

O primeiro destaque a ser feito diz respeito ao recurso denominado por Quirk (1981, *apud* Cotter, 2001, p. 427) como “*happy talk*”. Nos Relatos de Viagem, essa tendência ocorre com o objetivo de aproximar autor e leitor do texto através de comentários informais, descontraídos e interativos.

Nos exemplos (27) e (28) destaco não só os comentários parentéticos que expressam uma pressuposição de um leitor e, por isso, uma interação, mas também a representação gráfica de sorrisos e prolongamento de determinadas palavras, características próprias de uma escrita que tenta reproduzir elementos da fala.

¹⁰ Os autores também identificam, entre os gêneros analisados, traços linguísticos que denotam um estilo de posicionamento que chamam de “*emphatic expression of affect*”.

- 27) BVGM - As estações são bem mais amigáveis do que as estações de NY (**ainda vou escrever sobre essa experiência...rs**) e em nenhuma vez peguei o metrô insuportavelmente cheio (**assim como no Rio de Janeiro em horário de rush**).
- 28) BVGM - Eu chegava pra comprar qualquer coisa e a pessoa falava: “Hello, how are you today?” Mas não era no nível normal da coisa, **nãooooooooo...** era no nível musical da coisa. Sabe quando você faz um curso de inglês e tem aquela parte de listening (**onde você precisa transcrever o que a pessoa acabou de falar**), então... Eu sempre ouvia aquilo e pensava: “Não é possível, ninguém fala nessa felicidade constante.”. Me enganei. Eles falam. E às vezes eu até olhava pra trás pra saber se o atendente estava realmente perguntando pra mim como eu estava...**Oiiii???** Aqui no Brasil é tipo: “Débito ou Crédito, senhora?” **hahahaha**.

Além dos comentários parentéticos, a interatividade dos textos dos Relatos pode se tornar evidente através da menção direta aos leitores como em (29) e em (30):

- 29) BVJG - Chegamos na Lagoa Misteriosa no meio da tarde. Como disse anteriormente, eu esperava duas coisas: não enxergar nada e bater os queixos de frio! Sim, as águas de rios, lagoas e cachoeiras costumam ser bastante frias, mas, para minha surpresa, a água da lagoa é de temperatura bem agradável, morninha, uma alegria! Erik e eu começamos então a descer as escadarias de acesso às águas e aí sim, **meus caros jeguiantes**, que tive a mais emocionante sensação até então: a de estar diante de um azul nunca visto (pelo menos em minha existência pré-balzaquiana) e de um profundo e silencioso abismo.
- 30) BVGM - Se você curte frutos do mar, Boston é a cidade certa pra você. Lagostas e ostras são as especialidades da cidade, tanto que o mascote da cidade é uma Lagosta. Você pode até trazer uma lagosta de pelúcia, se você quiser...tem aos montes. **Não, eu não comprei uma pra mim**, poderia ter comprado, já que eu já trouxe um dragão de pelúcia da Cracóvia...hahahaha

Já nas Críticas de Cinema, a referência ao leitor é feita de maneira mais sutil através da terceira pessoa (31) ou de construções indeterminadas (32):

- 31) BFCK - No entanto, essa estrutura narrativa vai levar **um público** mais amplo ao cinema para conferir o longa.

- 32) BFCP - **Quem** tem esse mesmo gosto musical irá encontrar mais um motivo para ver esse longa imperdível.

Os exemplos a seguir também representam o tom altamente descontraído com o qual os autores dos textos constroem seus discursos. Em (33), há uma menção à conversa telefônica (através de um recurso onomatopáico), quando o autor, ao encerrar seu texto, disponibiliza para os leitores o espaço presente nos blogs para comentários, aumentando a interatividade entre autor e leitor do texto.

- 33) BVRD - Como disse minha amiga Mary do Hotel California, que inclusive guia o pessoal em vários roteiros por lá, **não conheço, mas acho que não seja legal** – mas se você tiver uma opinião diferente, por favor, **deixe o seu comentário após o sinal. Beeeeeeeeeep.**

Já em (34) há uma pressuposição por parte do autor do texto de que um bordão de uma apresentadora de televisão faça parte do conhecimento de mundo do leitor.

- 34) BVRD - Como Napa sobreviveu intacta ao terremoto que destruiu boa parte da baía em 1906, a cidade é uma das poucas que ainda exhibe a arquitetura do período pré-terremoto – é como diria Hebe se esse post fosse dela: **Napa é uma gracinha.**

Outro aspecto importante para a distinção de informalidade entre os dois gêneros está na alta frequência de gírias e termos informais presentes nos Relatos, além do uso de aumentativos e frases feitas.

- 35) BVSM - O novo Delano também tem um terraço que é perfeito para as mais jovens: um **climão** de Miami Beach num Riad marroquino – **uma mistura que deu samba.** O luxuoso La Mamounia tem dois belos bares bem legais pra você circular, o Churchill's Bar e o bar Italiano. No Sofitel, o longe So Sofitel oferece diariamente de bandas ao vivo a desfiles de moda. Fora do **circuitão** dos hotéis de luxo, o mix restaurante/bar/longe do Bô-zin segue sendo opção infalível na noite de Marrakech.
- 36) BVPV - Passei 4 meses viajando pela Ásia e tive a oportunidade de visitar centenas de templos, mas poucos são tão impressionantes como o templo do Buda de Esmeralda (Wat Phra Kaew). A riqueza de detalhes é para deixar qualquer um de **boca aberta...** Sinceramente? Se você realmente quer entender um pouco mais de um dos templos mais fascinantes da Ásia, vale a pena contratar um guia. Vários ficam na entrada abordando os turistas e,

como sempre, é preciso barganhar. Peça para ver o crachá e ter certeza que é um guia credenciado para não levar **gato por lebre**.

- 37) BVRD - Quem vem de avião geralmente para em um dos dois aeroportos mais próximos, San Francisco ou Sacramento, ambos a 90 minutos ou menos de lá. Existe um aeroporto privado com voos particulares que aterrissam entre as parreiras e viagens de helicóptero para quem não abre mão de um **shuttle no capricho**.
- 38) BVJG - Dentre as múltiplas sensações que te atravessam na hora, umas delas é... **Caramba**, como sou pequena diante desta imensidão, que, do lado de fora, é impossível de adivinhar.

Outra distinção encontrada nos textos diz respeito ao uso de perguntas direcionadas aos leitores. Enquanto nos Relatos as perguntas são mais diretas (39), nas Críticas o uso desse recurso consiste em atender a um tom argumentativo do texto (40):

- 39) BVVC - Começamos o dia fazendo umas comprinhas e em seguida contratamos um táxi para nos levar a Batu Caves e depois nos deixar na Merdeka Square, o restante fizemos a pé até a Chinatown – o nosso ponto final – onde pegamos um táxi de volta para o hotel. **Ok, sem enrolação... O que tem pra ver em KL?**
- 40) BFCQ - Kate sabia da existência de Katya, sabia de sua morte, sabia que ela e Geoff eram namorados. **Mas será que ela conhece mesmo toda a verdade? O que Geoff ocultou? — sobre o que ele mentiu? E qual o peso que isso tudo teve em seu próprio casamento?** Acertadamente deixando a história longe de um simples “mulher sente ciúmes de ex-paixão do marido”, o diretor e roteirista Andrew Haigh cria seu drama com toques de terror, estabelecendo Katya como um fantasma que retorna para assombrar o relacionamento de Kate e Geoff.

A análise dos traços léxico-gramaticais, de maneira geral, aponta para a maior informalidade dos Relatos de Viagem, maior expressividade e envolvimento dos autores dos textos. Além disso, conforme mostram os exemplos deste capítulo, há uma maior proximidade desses textos com o texto oral e alta interatividade com os leitores. Por outro lado, nas Críticas de Cinema, as escolhas linguísticas são mais modalizadas, a subjetividade dos textos é mais contida e a interatividade é presente de maneira menos direta.

As Tabelas 5 e 6 a seguir apresentam uma comparação dos resultados encontrados nos dois níveis de análise dos gêneros.

Nível Macroestrutural	Crítica de Cinema	Relato de Viagem
Estrutura Potencial do Gênero	Regular (presença dos estágios Tema, Descrição do Roteiro e Parecer Final)	Irregular (alternância entre trechos informativos e narrativos)

Tabela 5 – Nível macroestrutural nos gêneros Crítica de Cinema e Relato de Viagem

Nível Microestrutural	Crítica de Cinema	Relato de Viagem
Pessoa Gramatical	Sujeitos de terceira pessoa	Sujeitos de primeira pessoa
Construções avaliativas	Adjetivos modalizados e presença de atenuadores	Adjetivos enfáticos e presença de intensificadores
Outras escolhas lexicais	Interatividade sutil com o leitor; ausência de gírias e termos informais; perguntas retóricas	Maior interatividade com os leitores; gírias e termos informais; contrações; perguntas diretas ao leitor

Tabela 6 – Nível microestrutural nos gêneros Crítica de Cinema e Relato de Viagem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar os gêneros digitais Crítica de Cinema e Relato de Viagem a partir de dois parâmetros: em um primeiro momento foi feita a análise macroestrutural dos dois gêneros. Adotando a abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional, foi tomada como base a Estrutura Potencial do Gênero (EPG) (cf. HALLIDAY; HASAN, 1985), em que são verificados padrões organizacionais na estrutura dos gêneros. Nesse sentido, os estágios são elementos que não representam apenas a forma dos gêneros, mas que são identificados a partir de suas funções e propósitos dentro da composição do texto.

A Estrutura Esquemática de um gênero é composta, geralmente, por elementos obrigatórios e opcionais. A estrutura organizacional do gênero Crítica de Cinema se mostrou mais regular, por apresentar três elementos obrigatórios em sua composição: o tema, a descrição do roteiro e o parecer final. A esse respeito, como já aponta Bonini (2005),¹¹ há uma certa semelhança em termos organizacionais da Crítica com o gênero Resenha acadêmica.

¹¹ O autor afirma que “Para uma visualização inicial da *crítica de cinema*, como há poucos trabalhos sobre este gênero, é possível recorrer a descrições de gêneros próximos. O que se apresenta mais próximo (podendo inclusive se confundir com a crítica) é a resenha” (BONINI, 2005, p. 226).

Em contrapartida, a EPG Relato de Viagem apresenta uma composição mais flexível, pois alterna trechos relativos à experiência do autor com trechos informativos sobre o local em questão. Os Relatos de Viagem são pessoais e, por isso, não há uma obrigatoriedade em seguir determinados padrões organizacionais, ficando a cargo do autor do texto relatar quaisquer aspectos da viagem que julgue importantes para o conhecimento do leitor. Sendo assim, o modelo da EPG não se aplicou aos Relatos. Essas características sugerem uma semelhança desse gênero com o gênero diário pessoal. A associação dos blogs com os diários vem do fato de que “quem escreve sobre si, para narrar acontecimentos íntimos, insere-se na prática diarista” (KOMESU, 2004, p. 113-114).

O segundo parâmetro tomado como frente de análise é relativo ao nível microestrutural e diz respeito às escolhas léxico-gramaticais presentes nos textos. Buscando subsídios nos trabalhos de Biber (1988) e Biber e Finegan (1989), foi realizado o levantamento de ocorrências pronominais, a classificação semântica de predicados, o uso de adjetivos e outros recursos linguísticos presentes nos gêneros.

Com relação às pessoas gramaticais nas Críticas de Cinema, verificou-se uma tendência a evitar o uso da primeira e segunda pessoa. Essa baixa incidência revela um grau mais baixo de envolvimento do autor com o texto, comparativamente ao gênero Relato. Por outro lado, a predominância de sujeitos de terceira pessoa justifica-se pela inserção de personagens e pelas menções aos atores dos filmes, que podem ocorrer nos estágios *descrição do roteiro*, *descrição dos personagens* ou até mesmo no estágio *avaliação específica*. Nesse sentido, observa-se uma relação entre a EPG e a pessoa gramatical.

Ainda sobre as Críticas de Cinema, a relação entre estrutura esquemática e traços linguísticos ocorre também no que diz respeito à análise da semântica verbal. A alta incidência de verbos do processo material pode ser observada especialmente no estágio *descrição do roteiro*, em que são apresentadas algumas ações dos personagens. Essas observações nos permitem afirmar que “a função retórica de cada estágio [que] condiciona as escolhas linguísticas” (VIAN JR.; LIMA-LOPES, 2005, p. 36).

Além das pessoas gramaticais, um outro aspecto linguístico que revela o maior distanciamento pessoal nas Críticas é o uso de adjetivos. Os dados analisados revelam uma tendência à modalização, seja através de adjetivos menos enfáticos, ou através de construções atenuadoras que indicam um posicionamento (“*stance*”) mais reservado (“*faceless*”). Esse posicionamento pode ser identificado através da análise de outras escolhas gramaticais como, por

exemplo, a referência ao leitor através da terceira pessoa ou através de estruturas indeterminadas.

Nos Relatos de Viagem, a análise pronominal evidencia o caráter subjetivo dos textos, uma vez que o uso de primeira pessoa é predominante, justamente por serem textos que relatam experiências pessoais. Já os sujeitos de terceira pessoa se fazem presentes, pois, conforme vimos, a EPG Relato de Viagem comporta trechos informativos, em que são inseridos sujeitos inanimados de terceira pessoa.

A qualificação de entidades através da descrição nos leva a um outro traço linguístico analisado: os adjetivos, que costumam ser enfáticos e altamente expressivos. Além disso, nos Relatos, os adjetivos vêm acompanhados, muitas vezes, de intensificadores, o que reforça o caráter subjetivo do gênero.

Outras escolhas lexicais nos Relatos, como o uso de gírias, por exemplo, revelam seu alto nível de informalidade. Além de serem textos expressivos e informais, apresentam um caráter interativo evidenciado através de perguntas diretas ao leitor ou através de respostas às perguntas que o autor do texto pressupõe que os leitores estão se fazendo. Portanto, é um recurso linguístico interativo e distinto do que ocorre nas Críticas de Cinema, em que as perguntas são retóricas e estão a serviço da argumentação.

A análise aqui empreendida permite trazer considerações sobre a organização macroestrutural e sobre aspectos microestruturais relativos ao estilo de dois gêneros presentes em blogs de diferentes temáticas. Através da investigação de textos de autorias distintas, observam-se determinados padrões que afastam e diferenciam um gênero do outro.

O estudo de dois gêneros pertencentes aos blogs propicia a discussão e a compreensão do blog como um macrogênero e não como um suporte, já que os gêneros Crítica de Cinema e Relato de Viagem apresentam propósito, composição e estilo que diferenciam suas funções dentro da comunidade blogueira e remetem às suas origens: Enquanto as Críticas de Cinema guardam resquícios do gênero Resenha, os Relatos de Viagem apresentam características do diário pessoal.

A distinção de estilo de posicionamento nos gêneros Crítica de Cinema e Relato de Viagem permite a constatação de que, através da análise de alguns traços léxico-gramaticais, há diferentes formas para se expressar a avaliação no discurso. Em publicação sobre as instâncias avaliativas no inglês, Martin e

White (2005) propõem a chamada *Appraisal Theory*¹² com o objetivo de refletir sobre o papel da avaliação na linguagem.

Certamente, todas as possibilidades de abordagem dos dois gêneros digitais investigados não se esgotaram neste trabalho, mas acreditamos ter trazido contribuições ao estudo de uma área que está em plena expansão no mundo contemporâneo. Além disso, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para a área do Ensino, particularmente, de produção textual, uma vez que a partir das características dos gêneros analisados podem ser abordadas e repensadas questões relativas às modalidades oral e escrita tomando como base o suporte web.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge University Press, 1988.

BIBER, D.; FINEGAN, E. Styles of stance in English: Lexical and grammatical marking of evidentiality and affect. **Text Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**. Volume 9, Issue 1, 1989, p. 93-124.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel

Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005, p. 208-236.

COTTER, C. Discourse and Media. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (orgs.). **The handbook of Discourse Analysis**. Blackwell Publishers, 2001, p. 416-436.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford, Oxford University Press, 1985.

KOCH, I. V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo, Contexto, 2003.

¹² Traduzida, de maneira geral, como Sistema de Avaliatividade, embora alguns autores optem pelos termos “Teoria da Apreciação” ou “Teoria da Valoração”. Essa questão terminológica é discutida por Vian Jr. (2009).

KOMESU, F. C. Blog e as práticas de escrita sobre si na Internet. *In*: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 110-119.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, W. **Language in the Inner City**: Studies in the Black English Vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIMA, Y. D. R. **A variação do sujeito de primeira pessoa do singular no gênero blog**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso. 58f. Mimeo).

LIMA, Y. D. R. **Forma e Função em gêneros digitais**: Estrutura composicional e traços léxico-gramaticais no macrogênero *blog*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2017. Dissertação de Mestrado em Linguística.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução: SOUZA E SILVA, M.C.; ROCHA, D. 6ª Edição ampliada. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation**: Appraisal in English. Londres: Palgrave Macmillan, 2005.

MILLER, C. R.; DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. (orgs). **Gênero Textual, Agência e Tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

OLIVEIRA, F. D. de. **O uso de Sintagmas Nominais complexos em blogs de opinião esportiva brasileiros e argentinos**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2014. Dissertação de Mestrado em Linguística.

ROJO, R.; Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005, p. 184-207.

SWALES, J. M. **Genre Analysis**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

TABOADA, M. **Stages in an online review genre**, 2011. Disponível em: https://www.sfu.ca/~mtaboada/docs/Taboada_stages_final.pdf.

VIAN JR, O.; LIMA-LOPES, R. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. *In*: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005, p. 29-45.

VIAN JR, O. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. **D.E.L.T.A.**, v. 25, n.1. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502009000100004.

